

CLIMATE CHANGE PERFORMANCE INDEX 2017

PORTUGAL REGRESSA AO “BOM DESEMPENHO”

ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS; DESEMPENHO AMBIENTAL; ACORDO DE PARIS; INDICADORES; PORTUGAL; CCPI

O **Climate Change Performance Index (CCPI) 2017** sublinha a importância da “revolução energética” para que seja possível alcançar o objetivo, definido em Paris, de travar o aquecimento global abaixo dos 2.°C.

No que respeita aos atores, a Germanwatch alerta para a “encruzilhada” dos países europeus que arriscam a fracassar em aumentar a ambição das metas climáticas. Em contrapartida, alguns países em desenvolvimento estão a ganhar massa crítica na área das renováveis e eficiência energética, como Marrocos, Índia e África do Sul.

Com base nos dados de 2014, o CCPI 2017 evidencia como o crescimento das emissões abrandou significativamente, apesar do ligeiro aumento das emissões de CO2 associadas ao sector da energia. Portugal regressa ao “bom desempenho”, evidenciando-se a melhoria do protagonismo internacional e os efeitos da crise na redução do consumo de energia, que ditou melhorias nos indicadores de eficiência energética e de peso das renováveis na oferta final de energia primária. Indicadores que terão de ser monitorizados com medidas efectivas de investimento na descarbonização e não apenas por via do efeito macroeconómico.

CONTRASTES E 5 SINAIS POSITIVOS

Enquanto a intensidade energética da economia global continua a baixar, confirmando assim o *decoupling* da oferta de energia, a intensidade carbónica estabilizou e a verdade é que para consolidar uma tendência de descarbonização será necessária a redução de ambos. Ora, para que tal suceda é imperioso que coexistam dois processos: a transição de fontes fósseis para renováveis e um aumento da eficiência energética. Os autores destacam alguns sinais promissores:

1. **Renováveis lideram investimento** → à exceção da Argélia, Rússia e México, os países analisados mantêm taxas de crescimento de dois dígitos para o investimento nas renováveis, que, nos últimos anos, já superou o investimento nas fontes fósseis, de acordo com a Agência Internacional de Energia. Mais, em termos da nova capacidade instalada, as renováveis lideram e, nesse processo, as economias emergentes começam a ser protagonistas, absorvendo 60% da nova capacidade.
2. **Infirmação do “paradoxo verde”** → a ideia de que o aumento da oferta de “energia limpa” seria contraproducente por gerar acréscimos na procura de petróleo não se confirmou, sobretudo devido à acentuada quebra dos custos das energias renováveis e ao baixo nível das taxas de juro que, per se, constituiu um fator determinante para o investimento
3. **Desinvestimento no carvão** → o consumo global de carvão baixou 1,8% em 2015, traduzindo um mínimo desde 2005 e mesmo os principais emissores (e simultaneamente detentores de vastas reservas), China e Estados Unidos, evidenciam uma tendência para a redução de consumo.
4. **Preço do carbono** → sendo uma variável aceleradora da descarbonização, o preço do carbono, no seio do G20, mantém-se, em média, abaixo dos 10 dólares por tonelada de CO2 equivalente para 85% das emissões, um valor muito reduzido.
5. **Tecnologias eficientes** → na área da iluminação, o preço da tecnologia LED baixou

a fasquia dos 10 dólares, ao mesmo tempo que o nível de eficiência aumentou para 80% (comparável com um nível de 10% de eficiência para as lâmpadas convencionais); também nos electrodomésticos e electrónica de consumo, os preços de equipamentos mais eficientes tendem a baixar.

FRANÇA GANHA LIDERANÇA

Ao fim de cinco anos, a Dinamarca deixa de liderar o desempenho ambiental global, ainda que se mantenha entre os países com “bom desempenho”. A França

Croácia e Portugal são os únicos países com “bom desempenho” que melhoram a situação face ao ano passado (passando de “desempenho moderado”) – a Croácia subiu 11 lugares e Portugal voltou a ganhar 7 lugares, depois da descida no ranking anterior que teve por base os dados de 2013. Os países com pior desempenho mantêm-se: Arábia Saudita, Japão, Casaquistão, Coreia e Austrália.

	PAÍSES	ÍNDICE GLOBAL	Emissões	Evolução emissões	Energias renováveis	Eficiência	Política
4	▲ FRANÇA	66.17					
5	▲ SUÉCIA	66.15					
6	▼ REINO UNIDO	66.10					
7	▲ CHIPRE	64.28					
8	▲ MARROCOS	63.28					
9	▲ LUXEMBURGO	62.86					
10	▲ MALTA	62.51					
11	▲ PORTUGAL	62.47					
12	▼ BÉLGICA	62.08					
13	▼ DINAMARCA	61.87					
14	▲ SUÍÇA	61.66					
15	▼ LETÓNIA	61.20					
16	▲ ITÁLIA	60.72					
17	▲ CROÁCIA	60.66					

Dos 58 países analisados, apenas 14 conseguem um “bom desempenho” e nenhum logra alcançar o “muito bom desempenho”, o que justifica – mais uma vez – que este índice comece na 4ª posição. Assim, Portugal apresenta o 8º melhor desempenho. A **França** beneficia do esforço diplomático associado à realização da COP de Paris, enquanto a **Suécia** ganha com o apoio político interno para alcançar uma sociedade com 100% de electricidade gerada a partir de fontes renováveis em 2040, destronando o **Reino Unido** da segunda posição (efectiva), onde os riscos relativos à concretização das metas nacionais aumentaram substancialmente.

PROTAGONISMO EUROPEU EM CRISE?

Dimensão 1 - Nível emissões

Normalmente, o desempenho está correlacionado com menores níveis de emissões

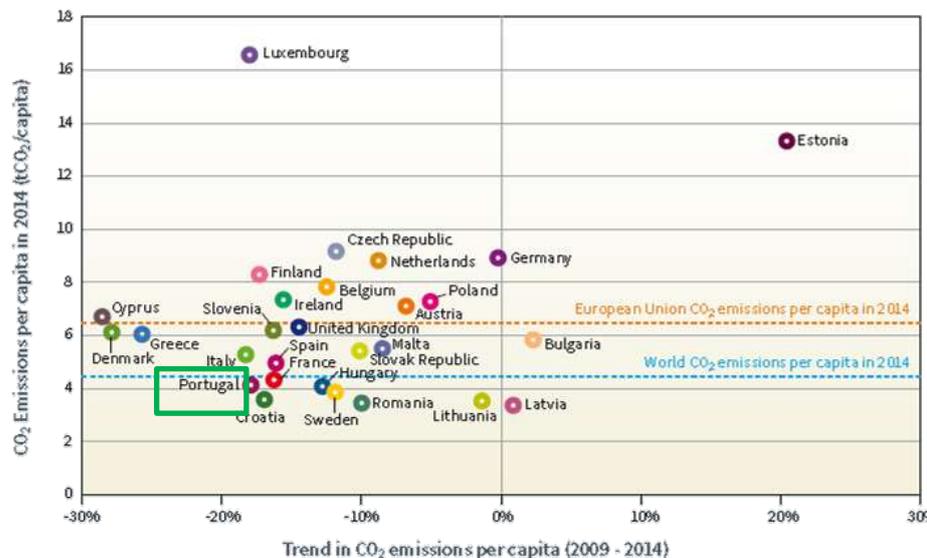
ssociadas à energia, como são os casos do Egito, Indonésia, Brasil, Turquia, Marrocos, México e Tailândia. Esta dimensão do CCPI é liderada pela **Roménia**, seguida por **Marrocos** e **Índia**. Os EUA mantêm o estatuto de “bottom five”.

Na UE, as emissões *per capita* continuam muito elevadas, com apenas três Estados-Membros (EM) - **Estónia**, **Bulgária** e **Letónia** – a manifestarem solidez na descida nos últimos cinco anos; A **Alemanha**, o único país europeu entre os 10 maiores emissores de CO₂, tem um dos piores desempenhos desde 2009 e apenas assegurou um ténue decréscimo das emissões *per capita*. Uma situação que só se pode inverter com uma significativa redução do consumo de carvão.

Níveis de emissão na EU por Estado-Membro 2009-2014

PORTUGAL NA LINHA DA FRENTE

O nível de emissões *per capita* tem vindo a consolidar a tendência de descida e bem abaixo da média europeia (e mundial)



Dimensão 2 - Evolução das emissões

Neste sub-índice evidenciam-se, na liderança global, três países europeus: **Chipe**, **Luxemburgo** e **Grécia** e a Eslovénia, por ter conseguido melhorar de “desempenho moderado” para “bom desempenho”. Entre os piores, e *malgré* as responsabilidades, continuam China e Índia.

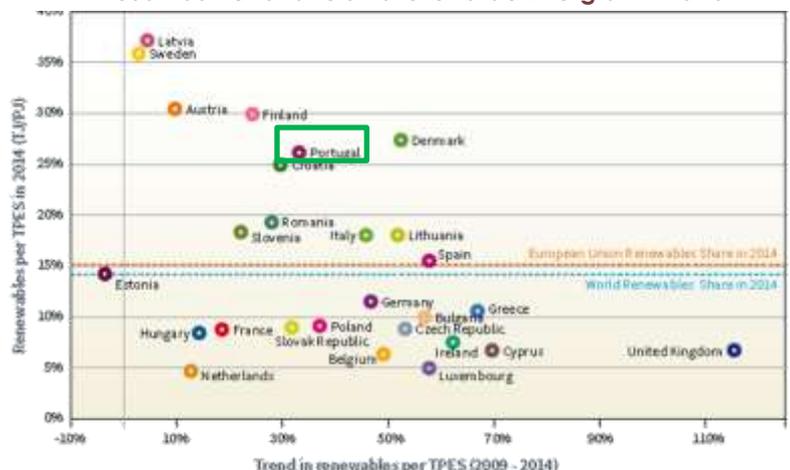
Dimensão 3 – Energias renováveis

A tendência global é muito positiva, dado que apenas 2 dos 58 países – Turquia e Argélia – mostram uma menor utilização de energias renováveis. Este indicador é liderado por um país europeu - **Malta** – seguida da **Coreia**.

No seio da UE, o peso médio das energias renováveis na oferta de energia primária tem aumentado em países como a Letónia e Suécia, fruto da forte quota de hidroeletricidade.

À medida que são retirados incentivos

Peso nas Renováveis na Oferta de Energia Primária



às renováveis em países-charneira como a Alemanha, Reino Unido, Dinamarca ou Suécia, o protagonismo europeu nesta dimensão estará condicionado até pelo *élan* evidenciado em muitas economias emergentes.

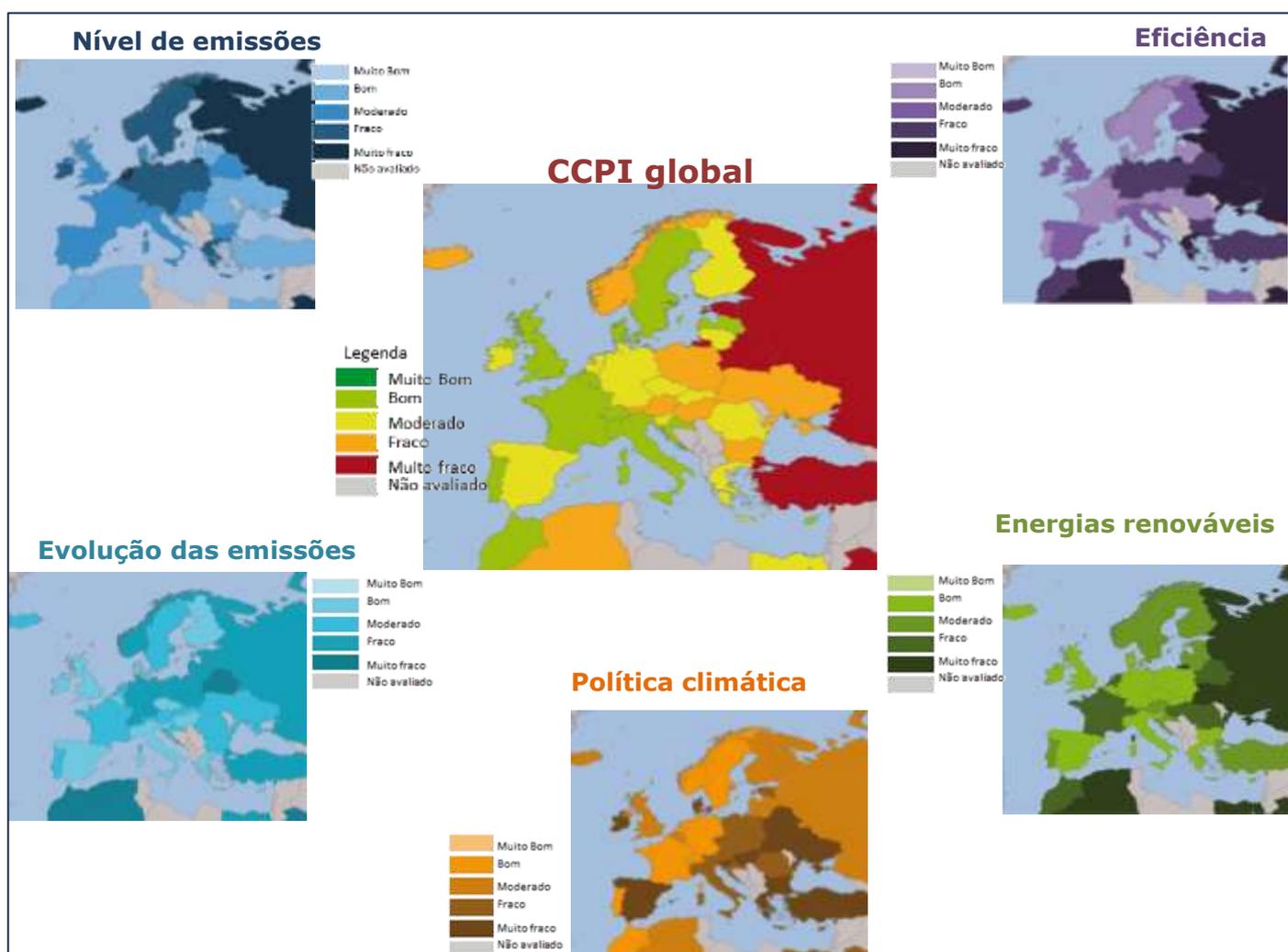
Dimensão 4 – Eficiência energética

A **Lituânia** substitui a Suécia na liderança global em termos de eficiência energética, galgando 11 lugares face ao *ranking* anterior. Os europeus continuam a dominar o conjunto de países com “bom desempenho”, juntando-se Singapura e Indonésia.

Dimensão 5 – Política climática

Marrocos, que acolhe a Conferência das Partes de 2016, assume a condição de “melhor desempenho” no que respeita à política climática, em detrimento da China. África do Sul, Holanda, Portugal e Suíça mostram potencial.

O DESEMPENHO EUROPEU E O CLIMATE CHANGE PERFORMANCE INDEX 2017

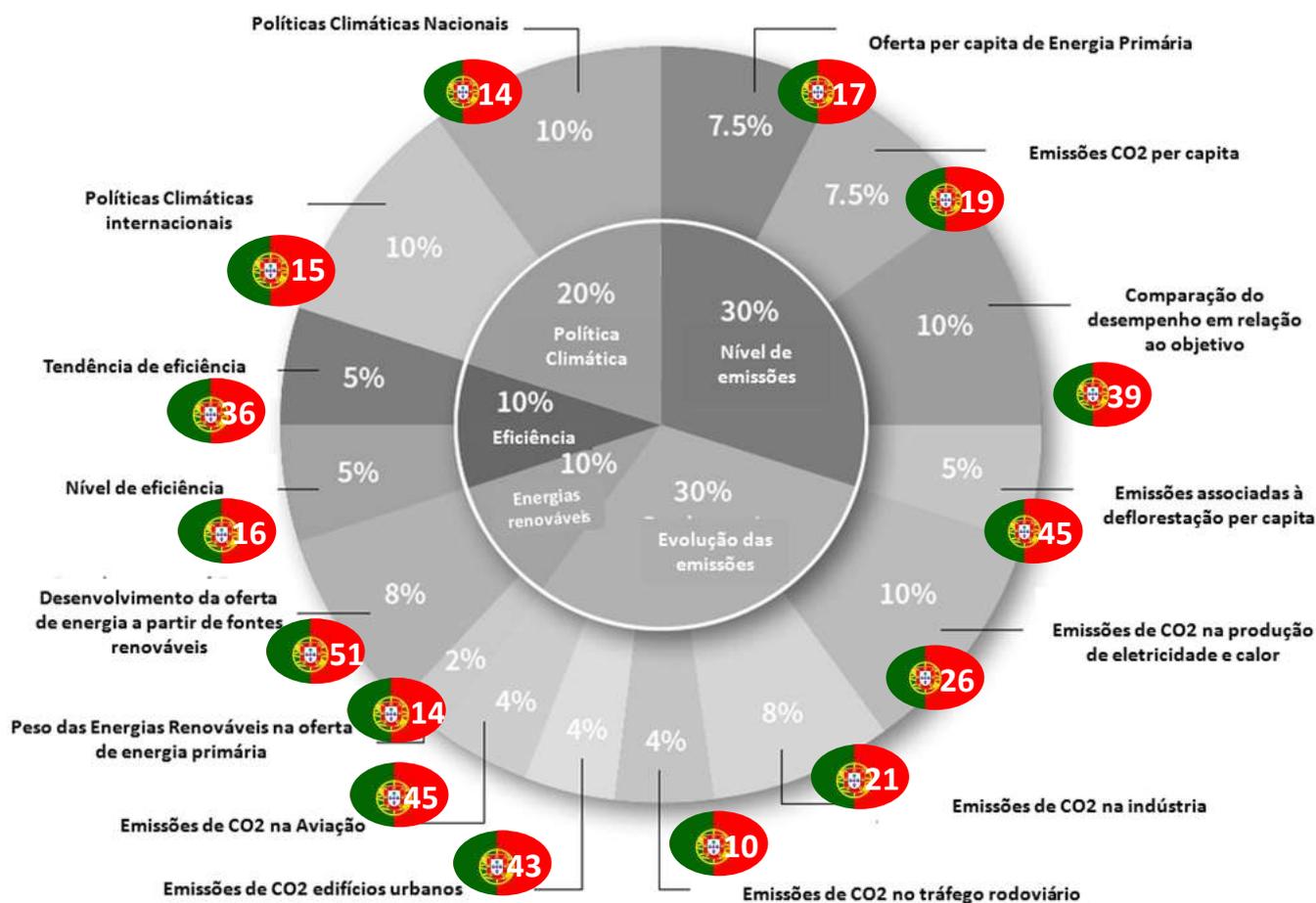


PORTUGAL – EFEITOS DA CRISE ECONÓMICA E PROATIVIDADE INTERNACIONAL

Neste regresso ao grupo de países com “bom desempenho”, na oitava posição (efetiva; 11º no ranking que começa na 4ª posição), Portugal apresenta um nível de emissões semelhante ao ano anterior, tal como na respectiva evolução (dimensões 1 e 2). Há dois aspectos fundamentais na análise desagregada que travam um melhor desempenho: i) a dependência do uso do carvão para o segmento da “produção de electricidade e calor”; ii) o papel do “tráfego rodoviário”, cuja melhoria evidenciada no CCPI 2017 resulta da significativa redução do consumo de combustíveis fósseis em contexto de crise económica.

Nas energias renováveis (dimensão 3) há uma melhoria considerável em termos de peso na oferta de energia, ainda que o resultado final seja refreado pelo desinvestimento face a anos anteriores (ver CCPI2015). O difícil contexto macroeconómico resulta ainda na tendência positiva em termos de eficiência energética (dimensão 4). A proatividade portuguesa no quadro internacional é que melhora substancialmente – Portugal foi dos primeiros países a ratificar o Acordo de Paris.

RANKING DOS INDICADORES PARCIAIS CCPI2017- PORTUGAL



CLIMATE CHANGE PERFORMANCE INDEX 2016

O PRIMADO DA DESCARBONIZAÇÃO

ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS; DESEMPENHO AMBIENTAL; ACORDO DE PARIS; INDICADORES; PORTUGAL; CCPI

A análise do [Climate Change Performance Index \(CCPI\) 2016](#) enfatiza o primado da descarbonização, visão que envolve a redução da intensidade energética da economia, bem como a intensidade carbónica da oferta de energia, o que significa a consolidação de processos de *decoupling* – da oferta de energia relativamente ao PIB e do CO₂ da oferta de energia. Analisados os dados de 2013, verifica-se um *decoupling* da oferta de energia do PIB, mas não relativamente à intensidade carbónica da oferta de energia. Para “dissociar, descarbonizando”, a oferta de energia será crucial:

1. A crescente **penetração da energia renovável** → 44 dos 58 países analisados no CCPI apresentam taxas de crescimento de dois dígitos, num contexto de maior concorrência de preço face a outras fontes de energia

2. A progressiva **descontinuidade (*phasing out*) do carvão** → o consumo global terá baixado mais de 4% 2015, particularmente em países com elevada responsabilidade nas emissões, como os EUA (-11%), China (-5,7%) ou Alemanha (-3%).

No arranque para a segunda e decisiva semana de negociações na 21ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas para as Alterações Climáticas, a Germanwatch divulga o relatório que avalia o comportamento de 58 países, responsáveis por 90% das emissões globais associadas à energia. Este *ranking* tem a particularidade de apenas se iniciar no 4º lugar, dado que nenhum país do mundo tem apresentado um desempenho “muito bom” na eliminação dos riscos associados às alterações climáticas.

Em termos metodológicos, desde o ano passado, a análise inclui as emissões associadas à deflorestação, ainda que com uma menor ponderação do que as emissões relacionadas com a energia, e um maior peso relativo das energias renováveis e eficiência, enquanto medidas cruciais para a transição para uma economia de baixo carbono. Na sequência das alterações metodológicas do [CCPI 2015](#), este 11º relatório mantém o cálculo do índice de desempenho com base em 80% de indicadores de emissões e 20% para a avaliação de medidas de políticas climáticas.

ENQUADRAMENTO DOS MAIORES EMITENTES DE CO₂ NA ECONOMIA MUNDIAL

Dos 10 maiores emissores de CO₂, apenas Alemanha e Índia têm um desempenho climático moderado

	Peso no PIB mundial	Peso na População mundial	Peso nas emissões de CO ₂	Peso na Oferta Total de Energia Primária	CCPI 2015	CCPI 2016
Alemanha	3,40%	1,15%	2,36%	2,35%	25	22
Índia	6,77%	17,56%	5,81%	5,73%	31	25
EUA	16,74%	4,45%	15,90%	16,16%	46	34
China	16,51%	19,21%	28,03%	22,33%	50	47
Rússia	2,56%	2,01%	4,79%	5,40%	52	53
Irão	1,21%	1,09%	1,63%	1,69%	57	54
Canadá	1,54%	0,49%	1,67%	1,87%	58	56
Coreia	1,80%	0,71%	1,78%	1,95%	53	57
Japão	4,71%	1,79%	3,84%	3,36%	55	58
Arábia Saudita	1,55%	0,41%	1,47%	1,42%	61	61
Total	56,79%	48,87%	67,28%	62,26%		

Nota: emissões CO₂ associadas à energia e deflorestação; Fonte: Germanwatch, Dezembro de 2016

EUROPA DOMINA “BOM DESEMPENHO”

Doze dos 13 países classificados como “bom desempenho” são europeus; **Marrocos** é o único país não europeu, cujo desempenho é sublinhado, fruto de um conjunto de apostas estratégicas nas renováveis, que se refletem, aliás, na INDC submetidas às Nações Unidas. O país norte-africano visa aumentar o peso das renováveis na geração de eletricidade para 42%, o que lhe permite arrebatar a 5ª posição no sub-índice do CPPI consagrado às energias renováveis.

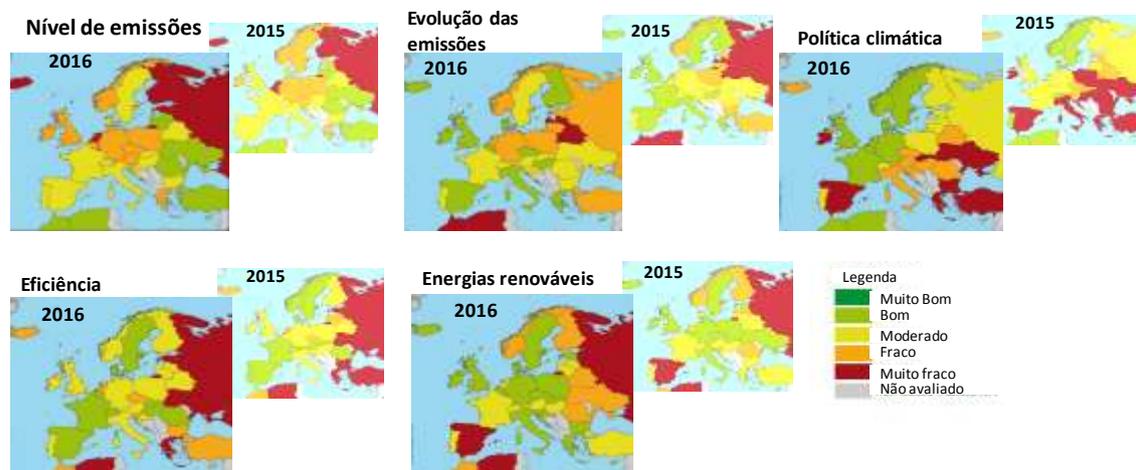
Pela quinta vez, em 11 anos, a **Dinamarca** lidera o CCPI, corroborando o estatuto de modelo de referência no que respeita à proteção climática, alicerçada em política de eficiência energética e promoção das energias renováveis. Ainda assim, os cortes orçamentais que penalizaram as medidas de proteção e as dúvidas quanto à prossecução das atuais metas energia-clima na Dinamarca são sinais de alguma preocupação.

O **Reino Unido** ganha a vice-liderança, no âmbito da prossecução de uma estratégia de expansão das energias renováveis em paralelo com a gradual descontinuidade do carvão, conforme o recém-anunciado roadmap para 2025

A **Suécia**, ainda assim lidera a sub-componente de eficiência e apresenta uma das maiores quotas europeias de renováveis.

Anfitriã da COP-21, a **França** ganha 4 posições, sendo o país com menores emissões no seio do G-7 mas com muito para caminhar no campo das renováveis, dado que se apresenta com valores abaixo da média global.

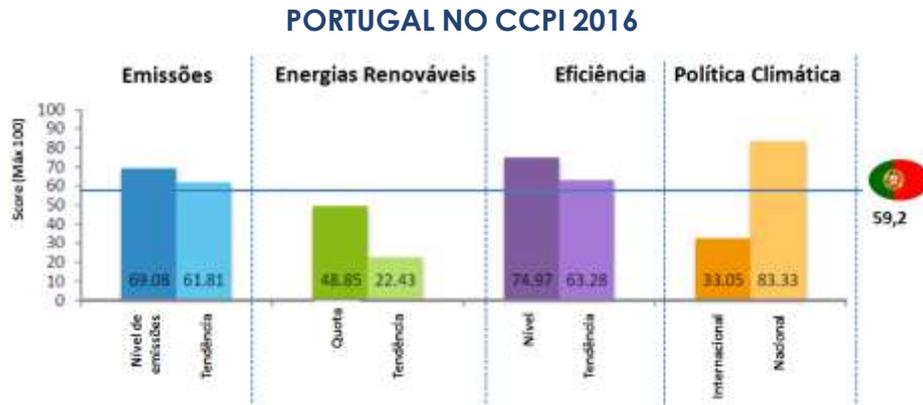
O DESEMPENHO EUROPEU E O CLIMATE CHANGE PERFORMANCE INDEX 2016



O “DESEMPENHO MODERADO” DE PORTUGAL

Depois de 3 anos sucessivos entre os melhores 10 desempenhos no CCPI, Portugal perde dez posições (19º lugar; 16º efetivo), deixando o grupo de países com “bom desempenho” para passar para o estatuto de “desempenho moderado”, a par da Alemanha ou Finlândia. Espanha, depois de ter baixado 8 posições em 2015, para o 28º, volta a perder fôlego no desempenho climático, quedando-se pelo 41º lugar entre 58, entre os países com “fraco desempenho”.

O menor ritmo de investimento nas renováveis no contexto do programa de assistência técnica experienciado no período de análise da Germanwatch - que já tinha sido sinalizado no [relatório do ano passado](#) - é um dos principais fatores para esta evolução. Mas vejamos o comportamento das várias dimensões.



Quanto ao **nível de emissões** (que pesa 30% no índice global), a maior penalização (baixando de 30 para 45º lugar) verifica-se nas emissões associadas à deflorestação (com peso relativo de 4% no sub-índice de “nível de emissões”) resulta do efeito dos incêndios verificados e plasmados no mais recente relatório [Global Forest Resource Assessment 2015](#).

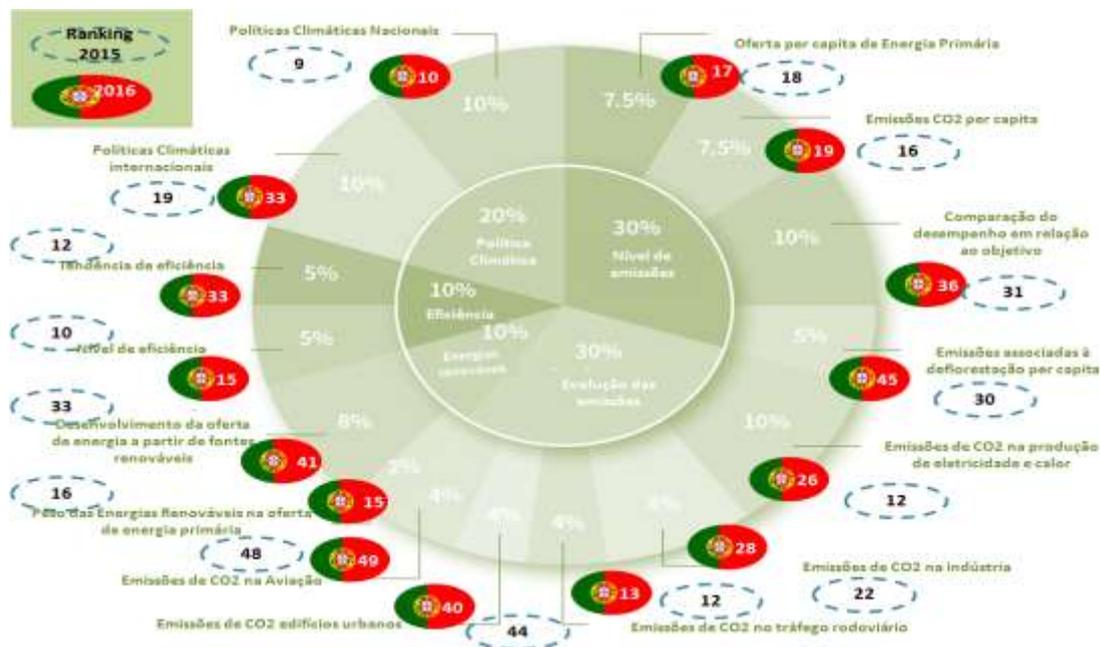
Na **evolução das emissões** (que pesa 30% no índice global), as emissões associadas à produção de eletricidade e calor (que ponderam em 10%) traduzem um pior desempenho, com Portugal a baixar de 12º para 26º lugar e que traduz o ainda significativo peso do carvão nas centrais térmicas nacionais, especialmente evidenciado nestes anos de crise económica.

Na componente de **energias renováveis** (que contribui com 10% para o índice global), verifica-se um ganho de uma posição em termos de “peso na energia primária” (que pondera em 2%), que permite um 15º lugar, mas, simultaneamente **há uma inversão do investimento no setor** (que pesa 8% para o sub-índice), ditando uma perda de seis posições para o 41º lugar, sendo um importante sinalizador da consistência de efeitos no longo prazo. Refira-se a este propósito a importância que as renováveis têm na redução da dependência energética de Portugal.

Na quarta dimensão - nível de **eficiência energética** (que pesa igualmente 10% para o CCPI global) - o nível é idêntico, mas a tendência deteriora-se, devido à maior intensidade energética num ano (2013) em que a fatura energética manteve-se mas o PIB contraiu.

Finalmente, no que respeita às **políticas climáticas** (que pesam 20%), a penalização resulta do quadro internacional num contexto de ambição elevada para as metas energia e clima em 2030.

INDICADORES PARCIAIS DE PORTUGAL



COMPONENTES DO CCPI

Nível de Emissões: os países com menores níveis de emissões *per capita* de CO2 associados à energia tendem a apresentar melhores resultados, como são os casos de **Egito, Brasil, Indonésia, Turquia, Marrocos, México e Tailândia**; **Itália, Espanha e Suécia** são dos países europeus que melhoraram; os três piores *performers* mantêm-se: **Arábia Saudita, Canadá e Austrália**

Desenvolvimento de Emissões: sendo particularmente sensível à eficácia das medidas, verifica-se uma estabilização do comportamento dos países, com **Luxemburgo e Irlanda** a manterem-se no topo, seguidos por **Suécia, Eslovénia, França, Canadá e Nova Zelândia**; **Arábia Saudita, China e Índia** apresentam os piores resultados.

Energias Renováveis: **Malta** suplantou a **Bélgica** e lidera, sendo de registar os progressos de **Itália, Reino Unido, Coreia do Sul, Grécia e África do Sul**; **Argélia, Irão, México, Rússia e Cazaquistão** apresentam os piores desempenhos.

Eficiência: procurando avaliar o nível de intensidade carbónica da oferta de energia primária e a intensidade energética do país, as medidas de eficiência energética são tão importantes quão o reforço das renováveis para reduzir as emissões globais de GEE. Os países da **UE** dominam o top20, liderados por **Suécia, França e Suíça**; os últimos 5 mantêm-se: **Ucrânia, Argélia, África do Sul, Cazaquistão e Estónia**.

Política climática: A **Dinamarca** perdeu a liderança, baixando 12 posições; de assinalar os progressos de **China, Marrocos, Índia, França, Alemanha e EUA**. Entre os piores desempenhos, Espanha, Turquia, Japão, Nova Zelândia e Ucrânia.